
A LEI DE MORALES POR RAFAEL CAMPOS

Quando Giorgione (1477 – 1510), inventou a pintura de imagem, descolada da história, e mesmo da causalidade da forma, estavam dados os primeiros passos não só para a criatividade lírica na arte ocidental, mas também para a colagem de Picasso, a arte pop e a pós-modernidade com um de seus principais porta-vozes: o vídeo.

Se bem que a maior parte da arte contemporânea se ressinta de uma timidez provinda justamente de justificativas conceituais, históricas, causais que, se eram desnecessárias para Giorgione, não são menos para um artista do século XXI.

Como Giorgione, Wagner Morales é um artista culto e profundo conhecedor do ofício, e que não perde tempo demonstrando as razões de suas imagens por serem justamente imagens, descoladas de relações que não digam respeito senão aos sentimentos do artista com relação a elas. E não poderia ser diferente.

Não estamos, evidentemente, falando dessa espécie de frouxidão, quase langor da iconografia pop, quase sempre carregada do mais mal-intencionado - porque venal e não filosófico - cinismo. Não. O profundo engajamento sentimental de Morales pelos próprios temas é levado até o paroxismo, aparentando, por isso, justamente o oposto: um tratamento ético e distanciado, sem choramingos de qualquer espécie. O sentimento de Morales, desabrido, dramaticamente demonstrado, esvaziaria o único conteúdo da imagem, a saber, o próprio sentimento.

Em um outro ponto comum com Giorgione, o tonalismo (Argan), escolhido por Wagner, não é o achatamento realizado por filtros eletrônicos, uma espécie de nova maldição das imagens em movimento. Mas é o tom poético, incerto e perplexo, mesmo que por vezes reflexivo como Novalis. O tom da intuição vaga e abrangente. Mais sábia que erudita, e, graças a isso, acaba sendo mais útil e informativa também, no sentido amplo da vida, do que a erudição temática da arte contemporânea costuma a ter.

Mas como todo grande artista Morales é um intelectual que se situa na vanguarda dos temas mais importantes não só da nossa vida, como das especificidades do seu meio. A porosidade de suas imagens, herdada provavelmente de Godard, permitem-nas se embaralhar e se fundir aos outros elementos técnicos do filme, como o som e a montagem, formando uma espécie de sobreposição de véus, que não só não apontam para um sentido único da obra, como também não permitem interpretações estapafúrdias do tema. Aquilo que você vê é aquilo que é. E eu acredito que seja essa objetividade ética a responsável pelo enorme impacto que a obra de Morales causa nas pessoas.

Uma vez, enquanto visitávamos sua instalação no Centro Cultural São Paulo, na mostra “Iniciativas” que se organizou no segundo andar, o vigia do turno veio conversar com Morales. Disse que o seu filme o havia tocado muito, pois viera do Norte para trabalhar em São Paulo e era solitário como aquelas mulheres gravadas e filmadas por Wagner. Mantinha-se à tona, a cabeça fora d’água, na cidade grande. Pensei que o filme havia dado uma dimensão ética e heróica a solidão daquele rapaz, como havia dado o mesmo para mim. Se uma obra de arte pode realizar mais do que isso me informem. Estou pagando pra ver.
